

Especial Congresso Nacional dos Farmacêuticos



FINANCIAMENTO “Temos um dos melhores sistemas de saúde, apesar de ter um orçamento cada vez menor. Temos dívida (e grande) e este é um dos sinais de que o sistema continua subfinanciado.”

ANA PAULA MARTINS
BASTONÁRIA DA ORDEM DOS FARMACÊUTICOS

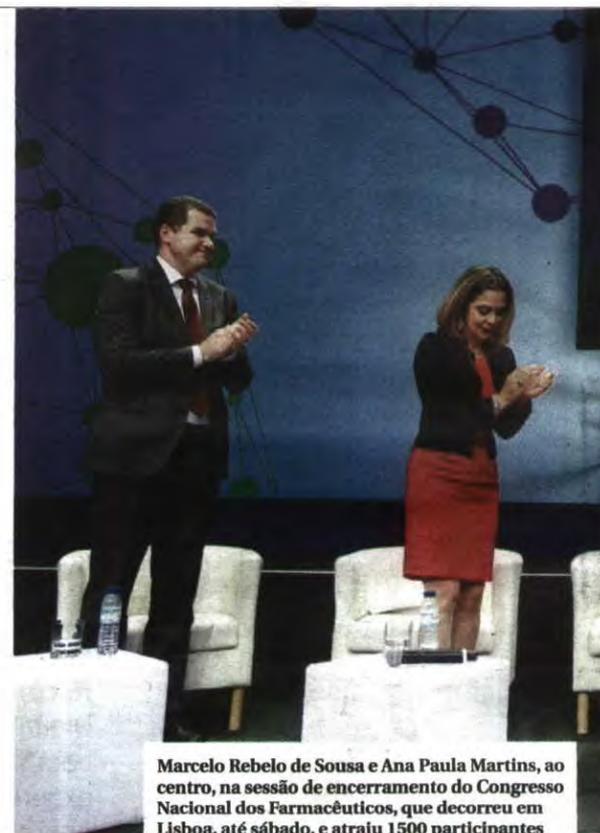


DOENÇAS RARAS “Estão a ser avaliadas 47 moléculas para doenças raras. A despesa com estes medicamentos somou 79 milhões de euros em 2016 e está a crescer 7% neste ano.”

RUI IVO
VICE-PRESIDENTE DO INFARMED

Saúde. O acesso ao medicamento, a investigação, a regulação, os preços e os novos desafios para os farmacêuticos estiveram em debate durante três dias no Centro de Congressos de Lisboa. Um dos temas quentes é como conciliar a inovação em saúde sem afundar o sistema

Medicamentos inovadores: a cura ou a doença do sistema de saúde?



Marcelo Rebelo de Sousa e Ana Paula Martins, ao centro, na sessão de encerramento do Congresso Nacional dos Farmacêuticos, que decorreu em Lisboa, até sábado, e atraiu 1500 participantes

CARLA AGUIAR

Fazer chegar os medicamentos inovadores aos doentes atempadamente sem afogar os sistemas de saúde nos seus exorbitantes custos é o desafio das políticas de saúde do século XXI. Esta foi a tônica central do Congresso Nacional dos Farmacêuticos que decorreu, em Lisboa, entre os dias 12 e 14, bem resumida pela gestora do programa de tecnologias da saúde e farmacêutica da Organização Mundial de Saúde.

“O crescente fardo orçamental destes medicamentos deve levar os países a uma maior concertação para negociação conjunta de preços com a indústria farmacêutica, o que já está a acontecer”, disse Hanne Bak Pedersen, referindo-se, por exemplo, a uma reunião que juntou, em maio, nove governos em Malta, entre os quais Portugal.

Em causa estão medicamentos (sobretudo para a oncologia, hepatite C e doenças autoimunes) cujo custo de investigação e desenvolvimento supera os cem milhões de euros e que, segundo aquela responsável, representam 30% a 40% dos gastos totais, com tendência para crescer nos próximos cinco anos.

Tanto a OMS como o Parlamento Europeu – representado no congresso pelo eurodeputado José Inácio Faria – convergem na exigência de “maior transparência no processo de fixação de preços das farmacêuticas, que difere muito de país para país”. Até porque, como observa Hanne Pedersen, “só alguns oferecem vantagens clínicas relevantes”.

Para lá dos números, os oradores do evento que decorreu no Centro de Congressos de Lisboa concluem que, apesar dos avanços, subsis-

tem “desigualdades importantes” no acesso à saúde e que ainda estamos longe de atingir os objetivos do milénio. Disso mesmo deram exemplos Carla Djamilia Reis, responsável pela entidade reguladora dos medicamentos de Cabo Verde, ou Walter João, do Conselho Federal de Farmácia do Brasil. No mundo, uma em cada três pessoas não tem acesso a medicamentos essenciais.

Outro dado inquietante, que a responsável da OMS aponta como “problema global”, é o “abandono” pela indústria farmacêutica da investigação de antibióticos inovadores, o que já não acontece há quase 30 anos e que continua a ser necessária, não só porque as bactérias continuam a matar como são mais resistentes aos atuais antibióticos, em particular nos países em vias de desenvolvimento. Os preços dos antibióticos foram baixan-

Há desigualdades importantes: no mundo uma em cada três pessoas não tem acesso a medicamentos essenciais

“O abandono dos antibióticos pela indústria é um problema global”, sobretudo nos países pobres, diz Hanne Bak Pedersen

do muito ao longo dos anos, tendo deixado de ser tão atrativos para a indústria.

Razões que levam muitos especialistas a apontar farpas ao “subfinanciamento da saúde” e a defender um maior incentivo público à investigação, com comparticipação nos custos mas também no retorno desse investimento, com vista à obtenção de um preço mais comportável para ambas as partes.

“O subfinanciamento crónico da saúde” prejudica não só o acesso à saúde como a própria investigação farmacêutica, “porque não atrai investidores”, acusou o presidente da Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, João Almeida Lopes. A necessidade de estruturas para o financiamento da investigação na área da biotecnologia e, em particular, dos medicamentos biológicos – que são o futuro – foi igualmente apontada por



CONCERTAÇÃO "O crescente fardo da despesa com medicamentos inovadores deve levar os países a concertar posições para negociarem preços com a indústria farmacêutica, o que já está a acontecer."

HANNE BAK PEDERSEN
OMS



CARREIRAS "Reconhecemos a carreira farmacêutica em contexto hospitalar e a sua regulamentação irá ser feita. É importante haver agora uma articulação entre profissionais de ordens diferentes."

ADALBERTO CAMPOS FERNANDES
MINISTRO DA SAÚDE



ELOGIO "Apelo à continuação do espírito de convergência e de diálogo que tem sido mantido. Compreendo os vossos anseios, o que não quer dizer que apoie uma das partes, e elogio a vossa vocação apaixonante."

MARCELO REBELO DE SOUSA
PRESIDENTE DA REPÚBLICA



Hélder Mota Filipe, professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. "Entrámos na investigação tardiamente e é preciso criar mecanismos para apoiar os projetos numa fase mais precoce."

A propósito da investigação para as doenças raras, o vice-presidente do Inarmed, Rui Ivo, revelou que estão a ser avaliadas em Portugal 47 moléculas para as combater. Uma área que custou 79 milhões de euros em 2016 e que está a crescer 7% neste ano. No campo das doenças raras, Cristina Lopes, da Apifarma, defendeu que "há poucos incentivos para a investigação para um mercado que é muito pequeno e que às vezes nem chega a ter retorno para a indústria".

A falta das condições ideais para a investigação em Portugal não impediu, contudo, que jovens farmacêuticos tivessem criado pequenas empresas vocacionadas

para desenvolver novos medicamentos e prestar serviços a empresas que deram testemunhos de empreendedorismo bem-sucedido. Exemplos disso são a Labfit, da Covilhã, ou a Inovapotek, do Porto. A via do empreendedorismo pode, afinal, ser uma boa alternativa para uma classe que, apesar de muito qualificada, sofreu, segundo a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, 800 despedimentos nos últimos anos. Uma situação que, segundo Ana Paula Martins, resultou do esforço para evitar o encerramento de muitas farmácias, esmagadas pela quebra, forçada, dos preços dos medicamentos. Farmácias que, disse, de norte a sul dão exemplos de voluntariado e serviço à comunidade.

Uma "vocação apaixonada" que foi elogiada pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no encerramento do congresso.

Farmácias querem Estado a pagar mais por serviços prestados

MODELO A bastonária Ana Paula Martins procura defender a sobrevivência das farmácias e dos laboratórios de análises clínicas

Melhorar a remuneração das farmácias pelos serviços prestados aos utentes do SNS e travar a internalização das análises clínicas nos centros de saúde e hospitais, pretendida pelo governo, sem estudos prévios de custo/benefício, foram duas batalhas assumidas pela bastonária da Ordem dos Farmacêuticos no congresso anual que terminou no sábado.

Ana Paula Martins apelou ao ministro da Saúde para que acelere o cumprimento do acordo assumido para a sustentabilidade das farmácias. "O modelo de remuneração das farmácias está esgotado, tem de ser criado um modelo justo e comportável e isso tem de ser feito nesta legislatura", disse a bastonária, referindo-se ao pagamento adicional pelo Estado de serviços prestados pelos farmacêuticos, como sejam a otimização da terapêutica.

"Um serviço importante e reconhecido em março, em Bona, na II Conferência Ministerial Global, que estabeleceu como objetivo reduzir em cinco anos 50% dos efeitos adversos relacionados com a medicação e que são evitáveis", disse a bastonária. Sobre a intenção

governamental de integrar as análises clínicas no sistema público, Ana Paula Martins disse duvidar que haja capacidade instalada no Estado, "ao contrário do que acontece na rede privada que serviu o país nos últimos 40 anos". Questionou ainda a razão de limitar a liberdade de escolha do cidadão, que hoje prefere o laboratório privado "porque não tem de esperar horas em pé, levantar-se de madrugada para ser o primeiro de uma longa fila".

O ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, manifestou-se disponível para discutir algumas das reivindicações, mas não se comprometeu em recuar na intenção de internalizar as análises clínicas. "Estou disponível para esta discussão tendo como limite o que pode vir a ser o melhor para o interesse público", disse o governante.

Ana Paula Martins manifestou-se ainda contra o alargamento da lista de medicamentos que poderão ser vendidos fora das farmácias, lembrando por exemplo que Portugal é o único país da UE onde a venda da contração de emergência é vendida dessa forma. Foi mais um domínio em que a bastonária não obteve garantias do ministro. Mas manifestou-se "confiante de que, mesmo que não seja possível acolher todas as nossas pretensões, há disponibilidade para ouvir e compreender".

Num evento a que acorreram mais de 1500 farmacêuticos, maioritariamente jovens e mulheres, a mensagem para dentro da profissão coube à espanhola Carmen Pena, presidente da Federação Internacional Farmacêutica. A responsável afirmou que, num mundo em mudança, os farmacêuticos têm de estar cada vez mais centrados no doente e na prestação de cuidados em articulação com os médicos.

28%

► **Preços**

Entre 2010 e 2016, os preços dos medicamentos em Portugal caíram, em média, 28% (53% nos genéricos e 10% nas marcas).

100

► **milhões de euros**

O custo de investigação e desenvolvimento de um medicamento inovador supera, em muitos casos, os cem milhões de euros.

35

► **anos**

Cerca de 41% dos farmacêuticos têm menos de 35 anos e 70% dos profissionais ficam aquém dos 40 anos. Houve rejuvenescimento no setor.

4,2%

► **Despesa em saúde**

Desde 2010 a transferência para o SNS em percentagem do PIB baixou. Caiu de 4,9% para 4,2% neste ano, ou seja, metade da despesa total.

Ministro da Saúde diz-se disponível para discutir reivindicações, mas tendo como limite o melhor para o interesse público